

Piquete Tradicionalista Anita Garibaldi: etnografia em uma cavalgada

Sabrina Dalosto Giacomelli¹

Resumo: com base nos estudos sobre Antropologia, busca-se apresentar a figura feminina dentro da cultura gaúcha no Piquete Tradicionalista Anita Garibaldi. Neste artigo, são tecidas algumas considerações sobre representação da mulher, com o objetivo de investigar os processos de interação social na cultura gaúcha.

Palavras-chave: Antropologia. Cultura Gaúcha. Sexo feminino.

Abstract: based on the studies of anthropology, seeks to present the female figure in the gaucho culture on the Picket Traditionalist Anita Garibaldi. In this article we are woven some thoughts on representation of women, in order to investigate the social interaction processes in the gaucho culture.

Keywords: Anthropology. Gaucho culture. Women.

Introdução

A etnografia conduz a seguir caminhos no qual há o apreço por determinado tema. A antropologia, por sua vez, incentiva o estudo das diferenças, o que permite ao antropólogo vivenciar experiências e costumes. A pesquisa de natureza antropológica é baseada na observação, a partir da qual procura descrever o que está ocorrendo no contexto.

Nesse sentido, este estudo parte do comportamento das pessoas e de como elas se relacionam. O tema escolhido abrange um movimento no Rio Grande do Sul. A pretensão desse artigo é analisar um piquete gaúcho da cidade de Jaguari, no centro do Estado, composto apenas pelo sexo feminino. Esse estudo mostra como acontecem as relações da mulher com as atividades da cultura gaúcha e como elas as realizam.

No século XXI, as mulheres procuram cada vez mais a sua independência, apesar de os gaúchos trazerem no seu eleitorado um machismo consistente. O grupo estudado procura mostrar como são desenvolvidas as atividades campeiras e como articula essa educação, justificando o progresso da mulher nessa determinada cultura.

¹ Aluna do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Orientadora: professora DR Ceres karan Brum.

1 A ETNOGRAFIA E O TRABALHO DE CAMPO

O método denominado Etnografia compete à tradição de estudos e de investigações na produção de materiais para servir de análise. Essa técnica traduz a prática da observação e da descrição, cabendo ao antropólogo manusear todos os procedimentos.

A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar /.../ Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos... (GEERTZ, 1989, p.20).

O embasamento de uma pesquisa etnográfica é o trabalho de campo. Esse estudo permite um contato intenso com o grupo, a fim de descobrir seus significados culturais. Assim, seu objetivo é explorar, coletar e analisar, por meio da técnica de observação direta, que resulta em uma interpretação da realidade social.

Segundo Rocha e Eckert (2008), a observação direta permite reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. Dessa forma, a primeira atitude de um jovem cientista que inicia uma pesquisa etnográfica é aproximar-se do grupo. Destaca-se, assim, que a interação é a condição de pesquisa.

O observador passa a participar da rotina do grupo e usa a *observação participante*, baseada em uma antropologia moderna. Essa técnica foi criada pelo famoso antropólogo Bronislaw Malinowski, que propõe uma nova forma de fazer etnografia, infinitamente detalhista. Para Bogdan e Taylor (1975), a *observação participante* é caracterizada por um momento de interações sociais entre o investigador e os sujeitos, em que ocorre o levantamento dos dados de forma sistemática.

Realizar etnografia é compreender e interpretar tais transformações da realidade. O antropólogo, como pesquisador, vivencia cada etapa: a pesquisa, a observação direta, o trabalho de conhecer o outro, a escuta, o contexto estudado e o exercício da escrita. Assim, o ofício do etnógrafo coloca o cientista social a reconhecer diversas formas de participação e construção da vida social.

2 A CULTURA GAÚCHA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA

O tradicionalismo gaúcho é considerado um dos maiores movimentos culturais do mundo contemporâneo, porque apresenta particularidades locais bem marcadas e compreende um conjunto de atividades regulamentadas, com o objetivo de celebrar a figura do gaúcho. São pioneiros desse movimento João Cezimbra Jacques², Barbosa Lessa³, Paixão Cortes⁴ e outros.

Em 1948, ocorre a fundação do chamado “35 CTG”⁵ (Centro de Tradições Gaúchas), na cidade de Porto Alegre, cujo marco deu início ao tradicionalismo como movimento cultural. Na época, o princípio dessa cultura era justificar a necessidade da criação do tradicionalismo, para mostrar o Estado do Rio Grande do Sul como um lugar diferente do restante do Brasil.

Uma história do culto às tradições gaúchas no Rio Grande do Sul remete a dois momentos específicos: o final do século XIX quando surgem as primeiras entidades tradicionalistas e a organização do tradicionalismo como movimento no Rio Grande do Sul a partir da metade do século XX, com a criação do 35 CTG em Porto Alegre em 1948. (BRUM, 2006, p. 45).

Além da existência do CTG como um espaço simbólico, o tradicionalismo mostra uma grande preocupação voltada ao culto dos antepassados, o que exhibe representações literárias que remetem à figura do gaúcho. O responsável pelas atividades tradicionalistas no Rio Grande do Sul leva o nome de Movimento Tradicionalista Gaúcho, mais conhecido como MTG. Essa entidade agrega valores e normas a serem cumpridas pelos seus simpatizantes.

O MTG possui uma carta de princípios do movimento tradicionalista (disponível no site do MTG), cujo documento fixa seus objetivos, dos quais destacam-se alguns pontos relevantes:

- a) Cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade.
- b) Preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares.

² Natural de Santa Maria, RS, foi militar brasileiro, precursor do movimento tradicionalista gaúcho.

³ Escritor e folclorista, historiador brasileiro que registrou e difundiu a cultura gaúcha.

⁴ Pesquisador gaúcho, organizador e fundador do CTG 35.

⁵ O “35 CTG” tem esse nome, em primeiro lugar, por causa do dia 20 de setembro de 1835, que foi o marco fundamental do levante farroupilha. Também, pelo grupo de trinta e cinco jovens que, juntos, compunham o primeiro centro de tradições gaúchas da história.

- c) Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.
 - d) Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.
- (Carta de Princípios do Tradicionalismo, site MTG).

Infere-se, a partir de tais objetivos, que o tradicionalismo revela uma atitude educacional. O CTG gera um espaço de formação do sujeito, a partir de um processo de ensinamentos e condutas a serem seguidas. Nesse sentido, é visto como um espaço de educação informal.

Os CTGs e outros territórios tradicionalistas e do gauchismo são espaços educacionais que objetivam sua reprodução e sua perpetuação como movimento cultural. A educação, nesse caso, se inscreve no aprendizado de identidades culturais de um grupo. Mas inscreve-se também como norteadora de identidades individuais. (BRUM, 2008, p. 12-13).

O movimento tradicionalista gaúcho tem uma atuação social direcionada à escola, o que fortalece os laços com o espaço educacional. Este estimula seus alunos a se vestirem a caráter, principalmente no mês de setembro, além de consolidar o gaúcho como símbolo regional e incentivar o culto das tradições. Mas vale salientar que a divulgação na área educacional é realizada como em qualquer outro movimento espontâneo.

Penso que a configuração adquirida pelas roupas entre os tradicionalistas traduz uma atitude educacional e pedagógica das pilchas que remete à perspectiva positivista e funcionalista da educação. (BRUM, 2009, p. 152).

Na história do Rio Grande do Sul, na época das grandes guerras⁶, existiram muitas mulheres que lutaram por sua região, igualando-se ao sexo masculino. Contudo, a sociedade gaúcha é originária de uma oligarquia militarizada, o que esclarece a distinção machista. Segundo Becker (2010), na formação do tradicionalismo gaúcho, a presença feminina não é concebida nos CTG's, os encontros e reuniões que organizam inicialmente o movimento são todos frequentados estritamente por homens.

⁶ A Guerra dos farrapos, ou Revolução farroupilha, durou de 20 de setembro de 1835 até 1 de março de 1845 e teve participação de mulheres, entre elas Anita Garibaldi.

Desse modo, a figura feminina, de longa data, foi barrada pela sociedade gaúcha de poder desenvolver atividades que cabiam aos homens. Com o passar do tempo, a mulher conseguiu ganhar espaço, participar de reuniões e outros afazeres tradicionalistas. Ela é perseguida pelo preconceito e julga-se que não possui capacidade de liderança, dentre outras qualidades. Sendo assim, ela não é reconhecida pela cultura gaúcha, como articula Ruben Oliven: “a figura que é exaltada quando os tradicionalistas falam do Rio Grande do Sul é sempre masculina, cabendo à mulher o papel subalterno de prenda” (1992, p.26).

A mulher, nesse sentido, é conhecida como prenda, sua vestimenta é uma busca do passado idealizado como forma de identidade. O uso do vestido longo, sem decote, com cores harmônicas, é a indumentária típica cultivada desde o passado até os dias atuais. Assim, conforme Betta (2010), os outros podem a ver como conservadora, representante de princípios e valores e que use uma indumentária preservadora de seu corpo.

A prenda representa uma preciosidade para o gauchismo, ela faz parte de um conjunto de produções típicas criada pelo tradicionalismo como movimento cultural. Sua vestimenta, cujo vestido é a principal peça, sofreu uma moderna transformação atualmente, no entanto ainda carrega consigo as marcas principais, como vestidos longos e detalhes tradicionais. Hoje em dia, ela participa de danças artísticas e fandangos, usando vestido rodado com babados, dentre outros detalhes; meias brancas; bombachinha; sapato preto; xale; cabelo preso ou solto, na maioria das vezes com penteados exuberantes e acessórios delicados como joias e tiaras com flores para o cabelo.

3 A MULHER GAÚCHA NO SÉCULO XXI

O Rio Grande do Sul, em seu histórico, na maioria das vezes, apresentou a mulher como prenda, ilustrando a como ideal. A mulher moderna gaúcha, por outro lado, conquistou espaço dentro do tradicionalismo como campeira, patroa e outros afazeres que cabiam apenas aos homens. A figura feminina, atualmente, frequenta rodeios (atividade do MTG), faz parte da patronagem de centros de tradições e realiza atividades de campo como trabalhar em fazendas.

Essa imagem cresce cada vez mais dentro do tradicionalismo, caracterizada por mulheres de fibra. As mulheres campeiras, como são conhecidas, envolvem-se nas cavalgadas, encilham seus cavalos e desfrutam da lida de campo. Participam de piquetes do sexo feminino e de desfiles de 20 de setembro.

O presente estudo diz respeito a um piquete tradicionalista gaúcho composto apenas por mulheres, que autora participa quando possível. Ter a mulher gaúcha campeira como objeto de pesquisa possibilita analisar sua circularidade em espaços tradicionalmente masculinos da cultura gaúcha.

O piquete tradicionalista gaúcho Anita Garibaldi, localiza-se na cidade de Jaguari, Rio Grande do Sul. Seu lema é “Se a força falta no braço, na coragem me sustento”, o qual convida a sociedade para participar de seus movimentos, sendo suas simpatizantes mulheres jaguarienses e de outras cidades vizinhas. O Piquete não é cadastrado no MTG, pois, para possuir o cadastro, precisa de um lugar próprio para realização de atividades tradicionalistas. Para obter o processo de filiação é preciso de uma sede, no mínimo oitenta associados titulares e outras exigências⁷. No entanto, o piquete segue a regra do MTG por respeito ao tradicionalismo. Na Figura 1, é possível visualizar sua bandeira.

Figura 1 – Bandeira do piquete tradicionalista Anita Garibaldi



Fonte: autora.

⁷ O processo de filiação ao MTG segue algumas normas, em que a entidade precisa apresentar algumas características que estão disponíveis no site do movimento.

Em Abril de 2010, surge o primeiro grupo de cavalarianas que promovem a Cavalgada da Mulher, obtendo total êxito junto à comunidade gaúcha. No ano seguinte, em 2011, seu segundo momento foi homenagear a guerreira Anita Garibaldi, originando, desde então, o nome do grupo, “Piquete Anita Garibaldi”. Seu propósito, a partir de então, é fazer lembrar os momentos heroicos da história gaúcha, enfatizando a presença da mulher dentro dos feitos revolucionários.

Em 2012, o piquete participou de cavalgadas e desfile de vinte de setembro. No ano de 2013, realizou a primeira cavalgada Anita Garibaldi com a presença de sessenta e três mulheres. No ano seguinte, em 2014, promoveu a segunda cavalgada, composta por setenta e nove mulheres, com o lema “Cavalgada pela Vida”.

Em 2015, o grupo recebe visita de outras cidades, que, com o mesmo propósito, também criaram piquetes femininos, conhecidos como Joana D’arc, de Santiago; Lenço Perfumado, de Unistalda; Posteiras do Ibicui, de Manuel Viana; Anitas, de São Vicente do Sul; e Ana Terra, de Nova Esperança do Sul. Neste ano de 2015, a terceira cavalgada consistiu na presença de cento e onze mulheres. É relevante destacar que, em todas as suas edições, a realização das cavalgadas contava apenas com amazonas.

A inspiradora do piquete, Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, nasceu em 30 de agosto de 1821, em Santa Catarina. No período em que mulheres eram obedientes, Anita participou de um dos mais importantes movimentos do Sul, a Guerra dos Farrapos. Conhecida como “Heroína dos Dois Mundos”, foi companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, com quem teve quatro filhos. Tanto no Brasil quanto na Itália, onde se refugiaram após as guerras, é exemplo de coragem para as mulheres. Anita Garibaldi é eterna representação cultural, sendo que já foi tema de livro, minissérie e filme.

Desde a sua origem, o piquete se faz presente nos desfiles de vinte de setembro, sempre procurando um diferencial para mostrar à sociedade. A apresentação sempre traz um tema, como conta a fundadora Susana Dorneles Medeiros:

No ano de 2014, reverenciamos o patrão das alturas e somos gratas pela vida, por cada momento de luta e glória. Começamos o desfile com uma Anita vestida de branco carregando consigo a padroeira da cidade. Com a bandeira nacional vimos a indumentária da mulher atual. Bandeira do Rio Grande a mulher Anita na guerra. A bandeira do Piquete Anita Garibaldi

com um dos trajes alternativos atual para a mulher usar em cavalgadas e rodeios, composta por calça saia, jaleco e jabô, tendo o chapéu como opcional. A mulher da guerra e o gaúcho pobre; o gaúcho farrapo da época das batalhas e guerras na construção do Rio Grande. Indumentária usada pelos peleadores na revolução farroupilha, o chiripa e o “mascate” cavalo com artigos para venda. A charrete usada pelos estancieiros e suas mulheres para passeios e como meio principal de transporte. Por ultimo a representação do índio, o negro como representante dos Lanceiros de Canabarro nos combates farroupilhas. Encerrando a parte temática o segundo traje alternativo da mulher gaúcha, usado para cavalgadas e rodeios, bombacha feminina, camisa, lenço e chapéu. Neste ano têm o pelotão das Anitas e dos Garibaldis, homens da cidade que simpatizam com o nosso grupo.

Abaixo, algumas figuras do desfile de vinte de setembro ocorrido no ano de 2014.

Figura 2 – Abertura do desfile com imagem da Nossa Senhora da Conceição



Fonte: autora.

Figura 3 – Cavaleiras com a bandeira do RS e do BR



Fonte: autora.

Figura 4 – Patroa com a bandeira do Piquete



Fonte: autora.

O desfile de 20 de setembro é uma das marcas registradas do tradicionalismo, geralmente ocorre pela manhã, quando as entidades do município se preparam para desfilar. A organização do evento é feita pela Prefeitura Municipal, que constrói um palanque, onde fica o homenageado da semana farroupilha, o prefeito e outras autoridades. O público em geral leva cadeira e senta na Rua Sete de Setembro para prestigiar o desfile. Esse ritual é esperado todos os anos, para os que celebram a semana farrapa.

As Anitas, como são conhecidas, também organizam alguns festejos, dentre eles, um fandango com janta e apresentação artística, que já está na segunda edição. O baile tem o propósito de integrar a comunidade com o piquete, além de arrecadar dinheiro para as cavalgadas e outros gastos, pois a única ajuda que o grupo possui é a de seus integrantes e de alguns patrocinadores, a exemplo, agropecuárias e simpatizantes.

No desenrolar da pesquisa, procurou-se observar cada item que poderia enriquecer o trabalho. Ao participar da terceira cavalgada, como propósito de estudo, cada vez mais foi percebido que a autora possuía estima pelo piquete. As mulheres que ali faziam presença tinham o mesmo ideal. A classe social era abrangia os mais diversos níveis, da mulher pobre, da vila, até a rica, a qual fazia parte da alta sociedade da cidade. As idades variavam entre quatro a sessenta anos. Felizmente, não havia determinado tipo de preconceito, como entre a vestimenta mais cara e a mais barata.

A cavalgada ocorreu nos dias 11 e 12 de abril de 2015. Consiste em percorrer um trecho, em grupo, a cavalo, estando as componentes vestidas adequadamente para cavalgar. O cavalo, corretamente aperado, com arreamento em couro e as patas ferradas.

Quando se pensa em realizar um evento desse tipo, existem vários fatores que devem ser cuidados. O roteiro, por exemplo, é um deles, é muito importante percorrer o caminho de carro e ver qual a situação da estrada, antes de começar a cavalgar e se tem água para dar aos cavalos no proceder do caminho.

No decorrer do percurso, todos se ajudavam e ampliavam laços de amizade. As mais diversas interações eram expostas naquele determinado momento: parceria com o cavalo, a afeição do descobrimento do lugar onde passavam e a descoberta de se sentir livre em cavalgar.

Muitas mulheres nunca haviam montado em um cavalo, mas, ao longo da cavalgada, deixavam claro como aquele momento estava sendo prazeroso. As que já sabiam encilhar ajudavam as que não tinham conhecimento. Dessa maneira, foi visível gestos de cooperação.

A cavalgada seguiu um roteiro. Ao meio dia, as participantes do piquete se dirigiram até o trevo da cidade para recepcionar as visitantes, que ali desembarcavam seus cavalos. À uma hora da tarde, a cavalgada atravessou a cidade até chegar à igreja matriz, onde as cavalarianas receberam uma bênção. O padre local, AntonioTaschetto, pediu para que o patrão das alturas guiasse as mulheres no decorrer da cavalgada.

No instante seguinte, cento e onze mulheres foram em direção à localidade de Passo dos Barroso, onde, até o momento, já tinham sido percorridos quinze quilômetros. Nesta parada, por volta das quatro horas da tarde, foi promovido um café. Ainda, convém lembrar que até sair da cidade as mulheres andavam alinhadas duas a duas, com as bandeiras como comissão de frente, exibindo organização para a população que aplaudia a cavalgada passar.

Num segundo momento, efetuaram-se mais dez quilômetros até chegar à localidade de Linha 15. Neste local, sucedeu a pernoite, com janta, brincadeiras e fandango. Foi muito gracioso ver uma sociedade do interior mobilizar-se para agradecer da melhor forma às pessoas presentes.

Ao chegar, as mulheres largaram seus cavalos em um campo cercado. Após, foi servida a janta em um clube, onde havia a presença da sociedade local,

aproximadamente quinhentas pessoas. Os maridos, namorados, amigos e a família das cavalarianas se faziam presente e as ajudavam na lida com os cavalos. Vale ressaltar que é gratificante perceber que há incentivo do sexo masculino para essa prática.

No proceder da noite, as Anitas realizaram brincadeiras com o intuito de promover interação com todos os grupos. A música também marcava presença, junto com sorteio de brindes, animação e boas risadas. Na hora de dormir, muitas se deitaram nos pelegos, outras trouxeram colchão e coberta e, naquele mesmo espaço do salão, todas as mulheres passaram o resto da noite.

Ao amanhecer, foi servido um café colonial preparado pela comunidade. Posteriormente, encilhados os cavalos, percorreram-se mais dez quilômetros, chegando à outra localidade, cujo nome é Marmeleiro, onde foi efetuado o almoço. Às duas horas da tarde, a cavalgada saiu com destino à cidade, foram percorridos mais cinco quilômetros, com término em frente à igreja do município. Como finalização, foram feitos agradecimentos e entrega de certificados.

São muitos os elementos que integram uma cavalgada. A parceria entre as mulheres se faz presente todo o tempo. A região explorada, da qual se obtém a natureza como plateia. Os animais, o canto dos passarinhos e os novos lugares que conhecemos no decorrer da estrada. O cavalo, que não é visto só como um animal, mas como um amigo. A preocupação em alimentar o companheiro e dar água ao passar por riachos. Como articula Brum (2005, p. 117), “o cavalo é visto como uma extensão do seu próprio corpo, havendo um processo de identificação entre o cavalo e o gaúcho em que o primeiro é a continuidade do segundo”.

Em consequência desses fatores, nota-se que todo o grupo estava ali com o propósito de afirmar seu tradicionalismo. É um momento espetacular, em que as figuras femininas sentem-se livres, conhecem novas pessoas e conseguem detectar, como fato principal, a importância de ocorrer movimentos como este, específicos por e para mulheres.

O traje usado é camisa, bombacha, lenço, bota campeira, guaiaca e chapéu. Essa vestimenta é confortável para cavalgar, mas é vista como representação do sexo masculino, apesar de muitas mulheres já adotarem a roupa para uso do dia a dia.

É válido chamar atenção que, apesar de ser mês de abril, comumente mais fresco, foi um dia muito quente. O apoio que passava de carro estava sempre fornecendo água fresca e protetor solar.

Em virtude do que foi mencionado, é visível ver a mulher como uma figura típica da cultura gaúcha. Na mesma cidade em que reside o Piquete Anita Garibaldi, há também uma mulher como patroa do CTG local, o “Invernada do Chapadão”. Por vez, foi muito criticada pela sociedade ao se candidatar. Mas, com o passar da administração, foi mais uma prova de que o sexo feminino consegue ter pulso firme para qualquer tipo de evento do tradicionalismo.

Foi possível observar, de uma maneira geral, que o grupo possui objetivos iguais. No entanto, foi possível perceber uma união dentro do grupo maior, que era coordenado por uma mulher, essa pessoa procurava destacar-se em meio às cavalarianas. Salientava que seu cavalo era o melhor, o mais bonito e que era um puro sangue, parecia discordar sempre das opiniões das outras pessoas. Apesar disso, ao mesmo tempo, era simpática e educada.

Cada pessoa possui características próprias, umas são mais espontâneas e outras mais quietas. Enquanto passava o tempo, no lombo do cavalo, observou-se que havia mulheres mais alvoroçadas, que contavam piadas, cantavam músicas ou convidavam a companheira para apostar uma careira.

Muitas das “donas” que ali estavam, confirmavam que já eram acostumadas a andar a cavalo. Essas apresentavam facilidade para subir e descer do animal e sentiam-se mais flexíveis sobre ele, enquanto que o corpo das mulheres iniciantes apresentava medo de cair por portar-se mais rigidamente. Assim, havia algumas que não montavam em um cavalo há anos, e outras, novatas, que admiravam o evento e, por esse fato, se arriscavam participar, sem apresentar muito controle sobre o animal, apesar de ele ser manso.

Já foi mencionado, no decorrer do texto, que a figura feminina demorou a ser reconhecida pelo homem dentro da cultura gaúcha. Contudo, na cidade de Jaguari, durante a cavalgada, os homens mostravam estar encantados ao ver mais de cem mulheres juntas. Entre esses homens, havia, inclusive, idosos que pregam os costumes antigos da tradição.

Os companheiros das cavalarianas mostravam, a todo o momento, uma preocupação com a encilha do cavalo, por exemplo, se estava bem apertada, para não ocorrer nenhum imprevisto. Mesmo assim, aconteceu um incidente: um cavalo

assustou-se ao bater na roda de uma charrete (também havia charretes no percurso), resultando no tombo de uma das mulheres. No entanto, este é um dos episódios que podem ocorrer durante eventos de cavalgada.

Realizar uma pesquisa sobre um assunto do qual se tem afinidade cria ainda mais afeição pelo tema e permite analisar com outros olhos certas questões. Segundo Neto (2009, p. 114) “quando o antropólogo estuda memória ele não busca estudar, necessariamente, a historiografia do local, mas sim as estruturas e significados ao longo de um percurso de tempo, dentro de um grupo determinado. O historiador trabalha mais no sentido de documentar, transpondo do oral para o escrito no sentido de preservar”. Desse modo, buscou-se descrever cada item do processo, do surgimento do piquete até os dias atuais.

Assim, avalia-se a cavalgada como um processo de aprendizado, o qual também faz parte da licenciatura em Ciências Sociais. Participar da cultura gaúcha requer preservar as memórias. Aprender a cavalgar faz parte da educação informal, o que a maioria das famílias busca preservar no Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Piquete Tradicionalista Anita Garibaldi: etnografia de uma cavalgada” é o resultado de um exercício etnográfico cujos sujeitos que constituem o objeto central da investigação são mulheres de um piquete tradicionalista gaúcho. Procurou-se caracterizar a história do piquete e analisar a mulher a partir de perspectiva campeira, dentro da cultura gaúcha.

Para tanto, o ponto de partida desta pesquisa foi elaborar um cenário de como fazer etnografia. Descrever uma prévia do tradicionalismo ao especificar a representação da mulher dentro dessa tradição. Como resultado, pôde-se observar que, com o passar do tempo, a mulher não é mais apenas caracterizada como submissa ao sexo oposto, pois sua influência é muito forte. Nesse sentido, por essa cultura ser muito tradicional, a luta contra esse tipo de preconceito é semelhante a um movimento feminista. Em virtude dos aspectos mencionados, foi possível perceber que a mulher consegue ganhar espaço e demonstrar que também pode desempenhar atividades tradicionalmente vistas como masculinas.

Sabe-se que, na sociedade, há determinados grupos mais interativos e outros menos. Neste trabalho, foi possível perceber que o piquete interagiu mais durante o

evento se comparado a outros grupos. A cada contato com o grupo, a vontade da autora de participar aumentava ainda mais.

Ainda, por meio da observação, foi possível identificar que, por trás de um ideal igualitário, existem também identidades específicas, que permitem visualizar semelhanças e contrapontos entre os indivíduos.

Também, é importante enfatizar como é válido, para a mulher campeira, ver a figura masculina participar do evento, incentivando-a. Dessa forma, percebe-se que, até uma cultura que prega costumes antigos, sofre mudanças com o tempo.

Portanto, esse trabalho buscou contar a história de um grupo de mulheres no centro do Estado. O propósito não é chegar a um resultado, mas evidenciar relações que ocorrem em uma cavalgada realizada apenas por mulheres e notificar que a cavalgada apresenta um processo de ensinamento educacional. O aprender a encilhar e a andar a cavalo, faz parte de uma educação que é passada de geração para geração no Sul do Brasil.

Após uma análise extrema deste estudo é válido esclarecer que o movimento tradicionalista gaúcho, que segue as regras do MTG, é reinado por princípios hierárquicos fortemente conservadores, que ainda se perpetua no tempo. Dessa forma, acredito que o piquete Anita Garibaldi apesar de não ser filiado a esse movimento social cultural organizado, pode ser reconhecido como uma expressão de cultura tradicionalista, e não suprir a identificação de “gauchismo” que é a defesa dessa cultura. Esse grupo preserva as exigências mais significativas do movimento.

Por fim, a autora acrescenta que sente grande apreço pela cultura gaúcha, o que a leva a participar do grupo. Tal fato motivou-a a escolher o Piquete como objeto de pesquisa⁸ e apresentar alguns pontos relevantes e sua atuação na sociedade.

⁸ Participar da III Cavalgada Anita Garibaldi foi meu primeiro trabalho etnográfico. Realizar o primeiro contato com a pesquisa é um passo importante para minha carreira acadêmica. Agradeço o piquete por me receber e fornecer as informações contidas nesse texto e a professora Ceres Karan Brum por me orientar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEN, R. G. **A parte e o Todo**. A diversidade cultural no Brasil nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, R. G. O maior movimento de cultura popular no mundo ocidental: o tradicionalismo gaúcho. Cadernos de Antropologia. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-46, 1990.

BECKER, G. L. **Representação de gênero no tradicionalismo gaúcho**. 2010. Disponível em: <<https://petsociaisufpr.files.wordpress.com/2009/05/texto20di80a0a2c392a1logos20-20gabriela20becker2edoc.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

BETTA, E. P. S. Gauchismo no Vale Europeu. **Nova Letra**, Blumenau, 1. ed., v. 1000, 240p., 2010.

BOGDAN, R.; TAYLOR, S. **Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences**. New York: J. Wiley. Boumard, P., 1975. Ethnographie de l'École et Anthropologie de l'Institution. Ethnologie Française (in press)

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MALINOWSKI, B. [1976]. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1922.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: Saberes e Práticas. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

BRUM, C. K. **Esta terra tem dono**: uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul. 2005, 360p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

_____. Educar para ser gaúcho: breves apontamentos sobre as relações entre Movimento Tradicionalista Gaúcho e a escola. In: CUNHA, J. L. et al. (orgs.) **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008. p.33-60.

_____. Vestida de prenda: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. **Educação (UFSM)**, v. 34, p. 147-164, 2009.

NETO, G. H. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

Referências Online

Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho. (Disponível em: <http://www.mtg.org.br>).

História Anita Garibaldi. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anita_Garibaldi).

ANEXO 1 – Imagens do Piquete Anita Garibaldi



